



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA DE FÁTIMA

Bom tempo e mau tempo

A minúscula «Voz da Fátima», sentinela vigilante da Cova da Iria e humilde porta-voz das glórias e triunfos da augusta Rainha dos Anjos no santuário privilegiado da terra de que é a nobre Padroeira, não pode, certamente, desempenhar o papel, que não lhe compete, de boletim meteorológico da região montanhosa da serra de Aire, onde está alcançada a Lourdes Portuguesa.

A maior parte dos órgãos da imprensa periódica fornece aos seus leitores, em secção especial, o comunicado da luta perpétua entre o sol e a chuva, entre o bom e o mau tempo, entre o frio e o calor. Ao «mensageiro da Virgem do Rosário» não é lícito imitar esse exemplo. E' até de crêr que muitos dos seus leitores tenham notado com certa estranheza que êle se permita assinalar todos, ou quasi todos os meses, as diferenças de temperatura e as variações do estado atmosférico. E, contudo, esta particularidade, aparentemente insignificante, não é de somenos importância: ha alguma relação entre a temperatura do ambiente e o número dos peregrinos que acorrem ao local das aparições.

Nem todos os fiéis são heróis, e muito menos são anjos que não sintam nem o frio nem o calor. O número dos assistentes varia todos os meses, quer de verão, quer de inverno, para mais ou para menos segundo o tempo, bom ou mau que faz.

Assim, no corrente mês, em que a temperatura era suave e tépida e o cariz do firmamento se não apresentava tão carregado, a concorrência de fiéis elevou-se ao dôbro, ou mais ainda, da do mês anterior, tendo-se realizado os actos religiosos ao ar livre, e não na igreja da Penitenciaría, como sucedeu nesse mês.

Os actos religiosos

A comemoração festiva das aparições e dos sucessos maravilhosos efectuou-se precisamente na fórma dos meses precedentes. Um numeroso grupo de sacerdotes da diocese de Leiria tinha vindo expressamente de manhã cedo para atender os fiéis de ambos os sexos no sagrado tribunal da Penitenciaría. De espaço a espaço, na igreja da Penitenciaría e na capela do Pavilhão dos doentes, um ministro do Senhor sobe ao altar para celebrar o Santo Sacrifício da Missa ou administrar o Pão dos Anjos.

Os doentes de ambos os sexos, à medida que vão entrando no recinto do Pavilhão, munidos das senhas recebidas no Posto das verificações médicas, são conduzidos aos seus logares nas respectivas bancadas pelas servas de Nossa Senhora do Rosário. Junto da varanda da capela, próximo do púlpito móvel, está deitada sobre um colchão uma senhora ainda nova, que sofre de tuberculose óssea. O seu rosto, pálido e emaciado pelo sofrimento, traduz simultaneamente a resignação e a esperança, aliadas aos mais acrisolados sentimentos de piedade cris-

tã. Dos lábios descòrados sai-lhe constantemente um ciciar de prece sentida e fervorosa e dos olhos brotam-lhe por vezes lágrimas de funda e irreprimível comoção. O pobre pai, que é protestante, assiste de perto àquella scena incomparável de dor e resignação e comove-se

las faces de tôdas deslisam silenciosamente as bagas do pranto.

Ao meio-dia solar realiza-se a procissão que conduz a Imagem da Virgem do Rosário da capela das aparições para a das missas. Recitado o *Credo*, um sacerdote sobe ao altar e celebra a missa

da a todo o povo. Terminada a bênção, sobe ao púlpito o rev. dr. Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria, que fala durante meia hora sobre a devoção à Santíssima Virgem. Por fim reconstitue-se a procissão que reconduz a Imagem de Nossa Senhora à capela comemorativa das aparições, onde a multidão reza e canta e pela bôca do rev. dr. Marques dos Santos se consagra á augusta Mãe de Deus.

O milagre da Virgem

Coria o mês de Março ultimo. As scenas comoventes, que vão perpassar rapidamente, como uma fita no *écran*, diante do espirito do leitor, desenrolam-se em plena capital, num prédio do Alto do Pina. Habita ali, há bastantes anos, uma familia de modesta condição, que a desventura tem por vezes duramente experimentado. Uma senhora ainda nova, pertence a êste lar irrepreensivelmente honesto e tradicionalmente cristão, começa em dado momento, a sentir ferir-la dum modo descarroável, o pungente acúleo de muitos e variados sofrimentos físicos. Debalde percorre, como quem cumpre uma triste sina, a via dolorosa dos consultórios médicos, das policlínicas e das casas de saúde. Em vão recorre ás maiores sumidades clínicas, em vão applica ao seu caso patológico os récipes recomendados pelos mais recentes progressos da sciência. Esta apenas consegue diagnosticar-lhe perfeitamente os males de que padece, declarando-se ao mesmo tempo impotente para os debelar. O estado da enferma agrava-se cada vez mais, de dia para dia. O exame médico assinala no seu organismo combalido a existência de múltiplas enfermidades, gravísimas e insanáveis. A pobre mártir de tanta dor tem no cérebro um tumor de mau carácter, sofre duma enterocolite e está tuberculosa. Ainda outros males minam até ao âmago do seu ser físico aquele mísero farrapo humano.

Um grande mestre, um sábio consumado, intervem, com a sua alta competência e o seu saber de experiências feito, como derradeiro recurso. A sua opinião autorisadíssima, leal e francamente exposta, lança a familia da doente na maior consternação que é dado imaginar. Em última instância, indica um distinto especialista, médico de fama europeia, como o único capaz, não de a curar, o que reputa humanamente impossível, mas de a levantar um pouco do abatimento moral em que jaz e de lhe atenuar por ventura as dores incomportáveis que a torturam. Uma illustre e caritativa senhora da mais autêntica e pergaminhada nobreza de Portugal, tendo conhecimento dessa indicação e condoída da triste sorte da doente, interpõe o seu valimento junto do referido especialista, que desinteressadamente acede de bom grado a ir visitá-la. O seu diagnóstico, porém, é terrível e não admite apêlo nem agravo. Trata-se, na sua opinião de clínico abalisado e consciencioso, dum caso ver-



Imagem de Nossa Senhora de Fátima, benzida pelo Snr. Bispo de Leiria, tocada na imagem que se venera no Santuário, destinada à igreja paroquial de Santo Cristo do Milagre, do Rio de Janeiro

também, profundamente abalado até às fibras mais íntimas da sua alma e preparando-se talvez para seguir o caminho de Damasco. Outras pessoas de familia rodeiam-no, invocando a protecção de Maria em favor da querida enferma, e pe-

dos doentes. Durante a missa recita-se o terço, cantam-se alguns cânticos piedosos e reza-se a ladainha de Nossa Senhora. Depois da missa, o celebrante dá a bênção com o Santíssimo Sacramento, primeiro a cada um dos doentes e em segui-

dadeiramente desesperado. A doente está irremediavelmente perdida.

«Aqui só um milagre, diz elle, e eu não posso operar milagres.»

E logo acrescenta, numa rude franqueza, voltando-se para a enferma: «Se a senhora é crente, peça a Deus que a mate, porque o tumor que tem no cérebro há-de provocar dores horribéis e insupportáveis, capazes de a fazerem enlouquecer.»

A desditosa senhora, perdidas tôdas as esperanças de remédio humano, volve o pensamento para Deus e recorre ao seu poder infinito por intercessão de sua Augusta Mãe, sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima.

Animada duma confiança íntima, profunda e inabalável, applica á cabeça uns paches de água da fonte miraculosa, que consegue obter por intermédio duma pessoa das suas relações, e pouco depois, de improviso, a sua surpresa e a sua alegria elevam-se ao auge e explodem num grito veemente, que traduz tôda a gratidão da sua alma reconhecida para com a Onipotência Divina e para com a bondade maternal de Maria Santíssima: «Estou curada!»

A princípio, a sua família recusa-se terminantemente a acreditar na cura. Uma indiferença absoluta e uma frieza glacial acolhem o entusiasmo ardente e irreprimível que lhe trasborda da alma e se traduz em palavras. Julgam que ela tivesse perdido o uso da razão, como o especialista previra, mercê das consequências da evolução natural do tumor localizado no cérebro. Mas, a breve trecho, todos se rendem, alegres e felizes, perante a evidência empolgante dos factos. A doente estava realmente curada. Todos os seus males tinham desaparecido como que por encanto.

No dia seguinte, recebe a visita do santo dr. Cruz, seu confessor, que por ela tão fervorosamente ora e que, felicitando-a pelo grande favor obtido, recita com ela e com tôdas as pessoas presentes o terço do Rosário em acção de graças.

A treze do mesmo mês, acompanhada pela família, vai a Fátima agradecer a Nossa Senhora do Rosário a sua cura miraculosa e ali, naquelle logar abençoado do Céu, junto da Imagem da Virgem e aos pés de Jesus-Hóstia, a sua alma exulta de santo júbilo e expande-se em preitos de louvor e reconhecimento.

No Posto das verificações médicas, o dr. Pereira Gens, director do Posto, depois de a ter interrogado, observado e auscultado atenta e cuidadosamente, constata essa cura extraordinária, maravilhosa, inexplicável aos olhos da sciência.

E aquelle pobre farrapo humano, que ainda havia poucos dias se encontrava à beira do sepulcro, qual flor murcha pendida na haste e prestes a secar e a desfazer-se em pó, espalha em tórno de si, exuberante de vida e saúde, a admiração e o assombro pelo poder da gloriosa Senhora de Fátima que se dignou curá-la divinamente.

Nossa Senhora de Fátima no Brasil

Duma carta escrita por um aluno de Colégio Português em Roma, da diocese de Leiria, ao venerando director espiritual do Seminário daquela cidade, rev. do P. e Magalhães, tomamos a liberdade de reproduzir aqui os seguintes períodos: «O sr. P. J. M. Moreira é uma bela alma: franco, alegre e sobretudo um apóstolo de Fátima. Como tal nunca vi! A propaganda de Fátima que elle fez pelo Brasil, já V. Rev. cia a conhece, creio eu. Todavia deixe-me dizer-lhe alguma cousa a esse respeito. Pela região, onde elle estava, foram já distribuídas mais de duas mil estampas de Nossa Senhora, daquelas que trazem a novena. Artigos em jornais e revistas, escreveu uma porção d'elles. A propósito dum artigo que publicou num dos maiores jornais dali, «O Jornal Pequeno», contou-nos o seguinte: — O artigo tinha por título «A Lourdes Portuguesa». Ora, quando ha uma artigo excepcional, saem os garotos para a rua a anunciá-lo por tôda a parte. Foi o que fizeram também a este. E tôda a gente queria saber de que se tratava. O caso é que, passado pouco tempo, estavam vendidos todos os exemplares. — Havia ali um célebre espiritista, dos mais avançados, a quem um amigo levou o jornal que inseria esse artigo, para que elle lesse também. — «Não, não leio!», disse elle — «Há-de ler; pois, porque não?», retorquiu o outro. E na verdade, para comprazer com o amigo, leu... E, antes de terminar

a leitura, volta-se para elle e diz: — «Mas isto é bonito!...» — «Pois sim, mas leia tudo,» insistiu o companheiro. E o espirita continuou a ler até ao fim. E diz-lhe o amigo, que já advertira na impressão que lhe tinha causado a leitura daquele modesto artigo, em que se descreviam a história das aparições e a peregrinação de Maio do ano passado: — «Então que lhe parece?» — «Que lindo!...», foi a resposta. — «Agora desta vez sempre se converte ou ainda não?» perguntou finalmente o amigo. E o espiritista já lhe não respondeu. Pôs-se a chorar e... converteu-se!... Bemdita seja Nossa Senhora de Fátima!»

Nossa Senhora de Fátima na Itália

Da mesma carta recortamos outra passagem interessante:

«Voltando ao nosso caro P. Moreira, digo mais que elle aqui continua a fazer

a propaganda de Fátima. Já tem os professores da Universidade Gregoriana quasi todos convertidos! Uns pedem informações, outros estampas de Nossa Senhora. Uns, os que sabem português, leem «As grandes maravilhas de Fátima», os outros falam do assunto com vivo interesse. Diz elle que tem pena de não saber ainda falar bem o italiano. Entre os professores mais entusiasmados estão o P. Restrepo, colombiano, lente do primeiro ano de Direito, a quem dou todos os meses a «Voz da Fátima», o P. Boyer, lente do segundo ano de Teologia, que pediu um exemplar de «As grandes maravilhas de Fátima» para ler a história dos acontecimentos, P. Van-Laak, holandês, e o P. Zapalena, ambos lentes do primeiro ano de Teologia, o P. Mostaza, do segundo ano de Direito, e muitos outros.»

Visconde de Montelo

AS CURAS DE "FATIMA,"

Úlcera no estomago e larangite crónica

Amélia da Silva, de S. Martinho d'Arada (Ovar).

Meu bom Am.º Col.º

Certamente já não se lembrava da pequena peregrinação de Arada à Fátima em 13 de Agosto do ano findo. Nem admira. Era uma gota de água no meio do mar imenso que aí se forma. Mas a Virgem Santíssima lançou sobre ella os seus olhos misericordiosos, e uma das doentes que nela se incorporara teve a ventura de ser curada das suas doenças.

Não estranhe esta demora em tornar publico tão assinalado favor de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

E' que tínhamos receio de ser enganados por uma aparência de cura.



Amélia da Silva

Julgo ter corrido o tempo suficiente de prova e poder tornar conhecida a cura.

Quem é a curada?

Uma pobre rapariga de aldeia que precisa de ganhar o seu pão por meio dum trabalho contínuo e árduo.

Haverá uns doze anos que principiou a sofrer duma rouquidão e de dores no estomago que não a deixavam trabalhar. Consultou vários médicos sem nada conseguir. O atestado médico junto é bem claro.

Organizei a peregrinação a Fátima e ella também se inscreveu.

Partira de Arada com os restantes peregrinos, que occupavam três camionettes, na madrugada do dia 12 de Agosto. Na viagem ainda se nctaram os seus padecimentos, vomitando sangue e queixando-se bastante, sendo bem reconhecido o seu mal estar.

Passou a noite no pavilhão dos doentes e durante as várias horas de adoração continuou queixando-se.

Quando principiou a inscrição dos doentes foi inscrever-se e apresentou nessa ocasião ao Ex.º Snr. Dr. Pereira Gens um atestado do seu médico, atestado que certamente estará arquivado, onde se faz a narração das suas doenças.

Aumentaram os seus males com o frio que apanhou enquanto esperava, à porta do consultório, a vez de se inscrever (n.º 32).

Foi para o pavilhão dos doentes e até

à hora da Missa dos doentes continuou sempre o mal estar.

Durante a Missa e a benção dos doentes, diz ella, parecia arder em febre.

Sentiu, continua ella a dizer, que qualquer coisa de estranho se passava em si. Terminados os actos do culto quando nos reunimos nas camionettes, disse-me que estava curada. Não acreditei.

Voltámos para a nossa freguesia rezando e cantando como na ida para Fátima.

Em cada paragem a pobre Amélia, cada vez mais rouca, continuava a teimar que estava curada. E essa rouquidão? perguntava-lhe eu!... E' de cantar, respondia cheia de alegria.

Passaram-se alguns dias e a rouquidão desaparecia e não tinha dores do estomago nem vômitos, apesar-de comer de tudo que comem os pobres, caldo, borã, sardinhas, etc.

Já lá vão seis mezes sem mais ter noticia das suas enfermidades.

Desde essa data que se entrega a todos os trabalhos, descalçando-se, molhando-se e alimentando-se de tudo quanto lhe apetece.

Não devemos demorar mais a publicação desta cura, pois seria revoltante ingratião da nossa parte.

Esperamos voltar à Fátima para agradecer os benefícios que Nossa Senhora do Rosário nos tem dispensado com este caso e outros de ordem moral.

Arada, 25 de Fevereiro de 1929.

O Pároco — P. e João Maria Gomes Pinto.

Duma carta do Rev. Pároco recortamos ainda o seguinte:

«Este caso é maior do que eu na narração dou a perceber, pois a rapariga, devido à falta de alimento, enfraqueceu muito, chegando-se até a falar em tuberculose e sífilis hereditária. O que se pode garantir é que a rapariga desde esse dia mandou embora os cuidados e nunca mais se queixou dos seus antigos males.»

ATESTADO ANTERIOR A CURA

Benjamim Thiago Valente de Brito, médico pela Faculdade de Medicina de Lisboa

Atesto por minha honra que Amélia da Silva, solteira, de trinta e cinco anos de idade, moradora no logar das Pedras de Baixo, da freguesia de Arada, concelho de Ovar, sofre há oito anos de úlcera de estomago, variável e crónica, doenças estas de provável origem parede sifilítica e das quais a teinho tratado.

E por ser verdade e me ser pedido passo o presente atestado que assino.

Feira, 9 de Agosto de 1928.

(a) Benjamim Thiago Valente de Brito

(Segue o reconhecimento)

ATESTADO POSTERIOR A CURA

Benjamim Thiago Valente de Brito, médico cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisboa

Atesto por minha honra que Amélia da Silva, solteira, moradora no logar das Pedras de Baixo, freguesia de Arada, concelho de Ovar, foi por mim observada e medicada algumas vezes durante perto de três anos, duma úlcera do estomago e

duma rouquidão, rebeldes aos usuais tratamentos médicos, doenças estas de que vinha sofrendo há aproximadamente doze anos e das quais nunca mais se queixou após a sua ida a Fátima em Peregrinação em Agosto do ano próximo passado.

E por ser verdade e me ser pedido passo o presente atestado que assino.

Feira, 17 de Janeiro de 1929.

(a) Benjamim Thiago Valente de Brito

Cancro.

«Ana da Cunha, também conhecida por Ana Gabriela, esposa do sr. José de Oliveira, proprietario deste logar, appareceu nos princípios do mês de março do ano findo, queixando-se de um tumor osseo no maxilar inferior, de que era portadora, havia seis mezes, pouco mais ou menos, mas que nos ultimos tempos tomara maior desenvolvimento. Aconselhámo-la a que consultasse um médico, por nos parecer um caso de gravidade.

Foi consultar o nosso presadissimo amigo sr. Dr. Alberto Borges, com Raios X nessa cidade. Este nosso amigo por sua vez aconselhou-a a dar entrada no Hospital de Coimbra afim de submeter-se a uma operação cirurgica, se o distinto operador sr. Dr. Bissaia Barreto, assim o entendesse. De facto, as opiniões foram iguais classificando o referido tumor de *um autentico sarcoma*. Para observação ficou numa das enfermarias do referido Hospital, onde permaneceu durante a ultima quinzena de Março e todo o mês de Abril. Por fim, o sr. Dr. Bissaia, junto com o seu assistente sr. Dr. Bacalhau, disseram-lhe que seria melhor retirar para casa, pois já não lhe faziam operação, já pela região onde estava implantado o tumor ser muito melindrosa, como também tinham surgido outras dificuldades que os inibiam de a fazer, dizendo ao marido da doente, mas muito em segredo, que o maximo que sua mulher podia viver era um ano. Desanimado, regressou a sua casa no dia 1.º de maio, e passados uns dias, o referido tumor abria uma enorme fenda, com um aspecto característico do *cancro*. Foi de novo consultar o seu medico, sr. Dr. Alberto Borges, que lhe mandou fazer os curativos necessários. Seguiu á risca as prescrições durante os meses de Maio, Junho e Julho.

Poz de parte todos os desinfectantes, e começou de fazer uso da agua de Fátima, e nos fins de outubro estava completamente curada, dizendo ella, e sua familia, que se trata dum milagre da senhora da Saude, que se venera na nossa Capelinha, com o auxilio da Senhora de Fátima. Afirma-se que as melhoras começaram a manifestar-se depois da doente se ter prostado deante da imagem em oração, ouvindo a missa e comungando todos os dias. Milagre?

(Do Figueirense, de 27 de janeiro, em correspondencia do Alqueidão).

Gastrite ulcerosa

Maria Pereira Soares, solteira, de idade de 56 anos, natural e moradora na freguesia de Guilhufe, concelho de Penafiel, vem pedir a V. Rev. ma um cantinho no jornal «Voz da Fatima» para relatar uma grande milagre, que a Virgem de Fatima se dignou operar nesta sua humilde serva. Havia dois anos e meio que sofria muito do estomago e intestinos, vendo-me por isso obrigada a usar continuamente de dieta. Durante esse periodo de tempo consultei por varias vezes o meu medico Dr. Guilherme Augusto Pereira da Cunha, que me receitou varios medicamentos que eu tomei, mas sem resultado.

Em Agosto do ano findo o meu estado de saúde agravou-se bastante, continuando eu a fazer uso dos medicamentos que o meu medico me receitava, mas sem obter melhoras, antes pelo contrario o mal se agravava de dia para dia. Já não podia dormir, sentia fortes e agudas dores no estomago e intestinos, apenas podia tomar algum leite misturado com agua, que apenas ingerido, logo vomitava. Em Outubro meu irmão que vive na Bahia, Estados Unidos do Brazil, escreveu-me aconselhando-me a que eu me deixasse radiografar, o que eu não cheguei a fazer porque nessa ocasião já havia perdido toda a esperança na sciencia humana para a minha cura.

Na minha afflictão recorre com toda a fé e esperança à Virgem de Fátima, fa-

zendo-lhe uma novena de terços, missas e comunhões, prometendo-lhe ainda dar-lhe a importancia que havia de dispende com o Raio X, se ficasse curada. Ao setimo dia da novena, que foi o dia 27 de Novembro do ano findo, senti-me peor, e à noite deitei-me ralada de dores, mas cousa extraordinária, eu que já ha mezes não podia dormir, nessa noite adormeci, e só acordei de manhã, e quando despertei, senti-me completamente curada. Já lá vão mais de tres mezes, e durante esse tempo tenho comido de tudo sem me fazer mal algum. Quando me senti curada ainda não sabia então qual era a causa do meu sofrimento, porque o meu medico para não me alarmar, não m'o havia dito. Só quando eu o chamei depois de curada para me passar o atestado para mandar para o jornal «Voz de Fátima» juntamente com a noticia da minha cura, é que ele me disse que eu sofria duma gastrite ulce-



Maria Pereira Soares

rosa. Disse-me que foi um milagre extraordinario, e que se admirava como eu não havia sucumbido aos estragos da doença. Gloria e louvor à Virgem de Fátima.

Penafiel — Guilhufe 2 de Março de 1929.

Maria Pereira Soares

ATESTADO

Guilherme Augusto Pereira da Cunha, medico-cirurgião pela Antiga Escola Medico-cirurgica do Porto.

Atesto e juro, pela minha honra que a Sra. Maria Pereira Soares, de 56 anos, natural e residente na freguesia Guilhufe, deste concelho de Penafiel, padecia desde ha doze anos e meio de gastrite ulcerosa, com dores muito intensas e de entero-colite grave, tendo por vezes pequenas hematemesezes. O seu estado gastrico agravou-se muito, desde agosto do ano passado (1928) e o estado intestinal acompanhou esse agravamento a ponto de a unica alimentação da doente, o leite, não ser de modo nenhum tolerado, sendo reposto por vômito e o pouco que ficava no estomago, era minutos depois expellido pelo intestino, por digerir. Este estado gravissimo, que afastava toda a esperança de cura e que fazia prever a morte a curto praso, modificou-se instantaneamente no dia 27 de novembro de 1928, de manhã, desaparecendo as dores e sentindo a doente uma acentuada enforia, com appetite que lhe permitiria uma alimentação variada, absolutamente inadequada ao seu estado anterior. Considero-a actualmente absolutamente curada.

Por ser verdade passei este atestado que assino.

Penafiel, 2 de janeiro de 1929.

(a) Guilherme Augusto Pereira da Cunha.

(Segue o reconhecimento).

Um idema maligno

Alberto Nunes Guiomar, natural de Galêgos, freguesia da Sé da Guarda, concelho e Distrito da mesma cidade, de profissão empregado publico, e casado com Maria do Rosario, natural de Pataias, concelho de Alcobaca, venho por este meio testemunhar que estive com a doença acima referida e que cheguei a estar bastante mal.

Mais declaro que dei entrada, em 27 de Maio de 1928, no Hospital da Santa Casa da Misericordia, da Guarda, e donde saí em 28 de Junho do mesmo ano, e, além de todos os cuidados da Irmã enfermeira, por quem fui tratado, cheguei

a tal ponto que os doentes que me rodeavam perderam todas as esperanças de me salvar. E nisto me foram dados os ultimos Sacramentos (Extrema-Unção).

Mas tendo recorrido a N.ª S.ª do Rosário de Fátima, prometendo-lhe rezar 9 terços de joelhos em Fátima deante da imagem de N.ª S.ª e ainda 10\$000 reis todos os anos enquanto visse e puder pagá-los; 10\$000 comtando que ficasse sem defeito algum na vista, e uma missa em acção de graças a N.ª S.ª todos os anos na Guarda, no dia da data que saí do Hospital. E por isso não tardou o Milagre. E para mim estava reconhecido. Fazendo isto publico cumprio um dever duma graça que mais uma vez a Mãe dos Aflitos enviou aos seus filhos da Terra. E por isso peço a N.ª S.ª do Rosario da Fátima, que me dê mais alguns dias de vida, afim de cumprir a minha promessa no proximo dia 13 de Abril de 1929, acompanhado de minha mulher e 3 filhos.

Do mesmo modo faço publico que sofrendo já há muito tempo do que chamam hemorroidal, prometendo a N.ª S.ª uma pequenina esmola se durante um mês tudo desaparecesse e o que não se fez esperar até hoje, graças á Virgem.

E por isso aqui deixo o meu testemunho de que peço a publicação em a Voz da Fatima.

(Carta de 13 de Março ultimo)

Sinite parvulos...

(Continuação do n.º 78)

Quando voltava para o altar senti uma comoção profunda deante daquele exemplo de piedade infantil e disse comigo mesmo: «Quem me dera comungar assim.

Nunca mais de então por deante me passou da memoria aquela figura miniatural do «Manuelzito».

Atitude, quadro e lembrança semelhante me ficou gravada na memoria dois anos mais tarde.

Era desta vez uma creancita de corpo com cara de mais idade.

Vinha ao colo duma rapariga que depois soube ser sua irmã.

Os olhos eram duma imensa meiguice mas fundos, quasi sem brilho, sem vida.

O cabelo alourado corria-lhe brandamente sobre os ombros que com toda a cabeça se encostavam de manso ao colo e cabeça da mais velha.

Fôra atacada de Mal de Pott que pouco a pouco lhe ia desfazendo os ossos enquanto lhe dava á alma uma virtude forte na provação.

Quando me aproximei, a irmã voltou levemente o olhar para ela.

Como se despertasse levantou a cabeça abriu os olhos fixando-os no Corpo Adorável do Senhor e tendo-O recebido mergulhou no mesmo sono aparente e externo enquanto por dentro gozava as delicias de Jesús.

Logo de seguida o recebeu a irmã que um pouco ao lado com os seus dois tesouros — a irmã e Jesús — bem abraçados se recolheu a dar graças.

Era lindo ver aquele quadro em que se representava a união fraternal de duas almas entre si e dum modo mais perfeito com o seu Deus.

Era também na aldeia.

Aquela atitude numa creança doente gravemente doente — e todos sabem como as creanças na doenças se tornam impertinentes — feriu-me em cheio e senti que sem querer, enquanto continuava a dar a comunhão se me escapavam pela face duas lagrimas de agradecimento a Jesús por Ele ter feito florescer aqui e além tão perfeitos modelos de devoção encáristica.

Quando depois falei do caso ao senhor Prior ouvi-lhe num tom de muita sinceridade.

«Nem tu imaginas quanta consolação eu sinto em lhe dar Nosso Senhor...

Comunga com freqüência.

Coitadinha! E' um poço de sofrimento.

Tem o nome com ela... chama-se Celeste.

E não sei que mais admire se a paciência dela se a dedicação da irmã — uma e outra hauridas na recepção frequente da Sagrada Eucaristia.»

Agora o reverso.

Foi na catequese numa outra aldeia onde a vida cristã, a vida de piedade não eram das mais intensas.

Um pequeno e uma pequena ele de quasi 10 ela de 11 aproximam-se de mim sorridentes alegres a pedirem-me um catecismo.

Eram irmãos.

— Então os meninos já comungaram na comunhão solene?

De olhos baixos e voz nublada respondeu-me um:

— Meu pai não nos deixa comungar antes dos 12 anos completos. Diz que a gente não sabe o que vai fazer.

— E os meninos sabem?

— Pois sabemos... Vamos receber o Corpo de Nosso Senhor Sacramentado.

— Mas assim... o Corpo verdadeiro?

— Está a brincar conosco. Pois já se vê — vamos receber o Corpo de Nosso Senhor tão verdadeira, real e substancialmente como está nos Céus.

— Bem, bem, vejo que sabem. Pois hei-de ver se comungam antes.

— A'í Deus queira!

Mas foi de balde que, em conversa amiga, despejei todos os argumentos contra a opinião do pai.

Aquela dureza de rocha não cedia facilmente.

Que contas, meu Deus!

Agora são trechos duma carta particular.

Ouvira ha tempo contar alguns factos interessantes duma creancita em que se desenhava uma piedade precoce.

Pedi que mas contassem por escrito.

E' da carta em que me contam parte, que extráio os periodos seguintes:

«Venho, apesar de tarde, cumprir o que prometi: falar-lhe da minha A.

Mas como lhe hei-de eu dar contas das supremas riquezas e dons com que Deus a dotou?

E' a minha A. uma creança viva, irrequieta, rostosinho alegre, pele fina e rosada, olhos e sorrisos animados sempre de uma expressão de bondade e meiguice.

Ainda não tinha 3 anos de idade e fugia já para a igreja... parece que Jesus atraía a minha A.

Aprendeu depressa o Padre Nossó e a Ave-Maria na catequese mas como lá ouviu dizer a confissão e chegou a casa e ao serão disse para minha mãe: «O' mãe quero que me ensine o Baptista».

Como se dá a coincidência de lá a casa ir um moleiro chamado Baptista, minha mãe respondeu-lhe:

«Tu bem conheces o Baptista e estás-me a pedir que t'o ensine!?»

— Não, minha mãe, não é esse que eu quero que me ensine; quero que me ensine o Baptista Pedro e Paulo que dizem lá na doutrina.

Por estas palavras se concluiu que se tratava da confissão que começou logo a aprender.

Era aos trez anos de idade.

Ainda na mesma idade estava uma vez sentada no meio de casa com a bonecada toda á volta dela e cantando o «Queremos Deus» e estava sempre «Quêmos Deus qu'é nóxo pai!»

Meu pai interpelou-a:

— Olhe lá, minha menina, então quem é seu pai?

Ela responde serenamente:

— Este de quem agora estou a falar não é de si mas sim do «Pai do céu».

Agora quando eu ia receber a Sagrada Comunhão era vê-la a ela sempre e perguntar-me:

— «Que bolo é aquele que o senhô pá-di te dá M.ª? Eu tamém quia!»

Páro aqui com os excerptos dessa carta tão interessante por revelar o desabrochar para a piedade, dum botãozinho que ainda não desabrochava para a vi-

Ai que dó não faz ver por aí, tanta creança a quem se cuida de ensinar tudo o que possa aumentar-lhe a cultura e ao mesmo tempo de esquecer a fonte da unica e perfeita formação humana e cristã — o conhecimento e a prática da doutrina do Evangelho!

Que tristeza empurrar para a vida tanta alma que não conhece a Vida!

Parece que ressoa ainda aos nossos ouvidos o pedido amoroso de Jesus feito um dia em terras da Palestina e repetido em eco de todos os sacrários das nossas igrejas.

«Deixai vir a Mim os pequeninos!

E os pequeninos entende-nO acorrem pressurosos ao seu chamamento.

Mas quantos não há, coitadinhos que encontram no caminho a insuperável bar-

reira dos pais que, surdos à voz de Jesus e da Igreja impedem os filhos de receberem Jesus Sacramentado?

Quantos não há que, sem se alimentarem, vão pouco a pouco ensurdecendo até que, como as floristas do campo ao contacto do suão, secam e morrem de todo?...

Levemos as creanças a receber a Nosso Senhor. Ele tem um prazer especial em entrar nessas alminhas que o peccado ainda não manchou.

Levemo-las para que só Ele goze o perfume da sua innocencia e lho aviventem e lho acresça cada vez mais, vestindo-o e envolvendo-o com o perfume da Sua graça.

Que elas O compreendem mostra-o bem um dito daquela menina A. aí pelos 5 anos de idade.

Tinham-lhe falado do S.S.mo Sacramento.

Ao chegar a casa, quasi zangada vai ter com a irmã que se compraz de ser a jardineira daquela almita: e diz-lhe á queima roupa:

«— Então tu não sabes, o que me disseram dele?

Fecharam Jesus dentro daquela casa! Prenderam o Jesus!»

A casa era o sacrário.

Não é para ali estar fechado que Jesus fica no Sacramento dos nossos altares: é para vir ás nossas almas — ás dos grandes e pequenos.

Fructos?

Dos dois que só comungaram depois dos 12 anos não sei o que terá sido feito. A A. é o que se vê.

O Manuelzito chamou-o Deus á vida religiosa.

A Celeste essa foi continuar no Céu o delicioso banquete que felizmente começara cedo cá na terra.

E' que a Carne de Jesus tem a propriedade singular de transformar em Si aqueles que A comem.

Deixemos pois ir as creanças a Jesus!

AVISO

Pedimos aos presados assinantes em divida o favor de mandarem satisfazer a sua assinatura directamente em carta registada ou vale do correio.

Não mandamos proceder á cobrança, além doutras razões, por nos parecer que todos serão tão interessados como nós na difusão e prosperidade do nosso jornalzinho. A assinatura são dez escudos por ano mas o que nos tem valido é a generosidade dalguns assinantes que nos tem enviado quantias muito superiores. Nem eles imaginam todo o bem que assim fazem.

Em qualquer reclamação é indispensável indicar o numero da assinatura. Pedimos que nos devolvam os numeros repetidos.

A MINHA NOTA

Sôbre as pedras

Era uma rapariga alta, franzina, dos seus 16 anos. Temperamento vibratil de algarvia, coração ardente de portuguesa, alma cristã do mais puro escol.

Que queria ela, aquela pobre, sentada ali no meio dos doentes?...

Quem sabe? Talvez a cura de algum ente querido, a conversão de alguma pessoa de familia a solução de algum daqueles problemas que só se confiam a Deus e á Mãe!...

O que quer que fosse era pedido com ardor, com fé. Edificava ve-la orar.

Coitadinha, era epilética. Tão nova, e atribulada por uma doença tão incomoda, viera ali pedir a cura a N. Senhora.

E ali ficou até ao fim. Recebeu a benção recolhidamente... Era Jesus que passava a dizer palavras intimas de conforto a cada um daqueles seus filhos. E ela ouviu-O. Quantas conversões, quantas consolações a par das curas que ali se operam!...

São momentos de paraizo.

A seu tempo organisa-se de novo a procissão que reconduz a imagem para a capelinha das Aparições.

E essa rapariga pede para lhe descalçarem os sapatos.

E lá vai descalça a acompanhar a Imagem de Nossa Senhora.

Curada?...

Não. Consolada.

Uma força nova, íntima lhe dava conforto e resignação. Era o Senhor que sofria porque ela, sofria e amava em união com Ele.

Alguém lhe oferece um lugar deante da imagem no meio das servitas.

«Não, responde ela, muito obrigada. Não gosto de ir aí á vista de toda a gente. Antes quero ir aqui atrás, escondida com a sombra da imagem.»

Lá foi, pois, mesmo junto de mim, numa encantadora atitude de modestia e recolhimento.

Pensei então comigo que são talvez almas como aquela que, com o sofrimento oculto levado com alegria por amor de Deus, afastam o castigo que por tantos pecados merecem.

Notei contudo que alguma coisa a preocupava. Olhava muito para o chão.

Eram decerto os pés mimosos e delicados que lhe sangravam sobre o cascalho do caminho. Como devia sofrer!

Fui observando. Aquela rapariga, que não sei quem era nem como se chamava apareceu deante de mim como um modelo de peregrina.

Confundida ou quasi com a multidão que seguia a imagem, com as faces banhadas de lagrimas e os pés talvez de sangue ela ia disfarçadamente procurando sabeis o quê?

Caminho mais macio?...

Não. Ia procurando disfarçadamente caminhar por sobre as pedras...

E' que a mortificação é tanto mais aceite e meritória quanto menos dá nas vistas.

Sirva-nos de exemplo para procurarmos na aceitação alegre dos dissabores de cada dia a realização dos desejos de imolação que o Senhor exprime a tantas almas em desconto dos pecados do mundo.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	144.567\$56
Papel, composição e impressão do n.º 78 (55.000 exemplares)	3.137\$50
Sêlos, embalagens, transportes, gravuras, cintas e outras despesas	722\$80

148.427\$86

Subscrição

(Fevereiro de 1928)

Enviaram dez escudos: Virginia Alves Guerreiro, Ana d'Aguiar Branco Nogueira, João Gonçalves de Moura, Adelina Amelia Alves, Francisco da Silva Fidalgo, Arminda de Jesus Freitas, Precevia da Gloria Moraes, Domingos Pinto, João Albino da Costa Rodrigues, Alberto Dias, Albano Fernandes Machado, Maria A. Santiago (15\$00), P.e Joaquim Pereira dos Santos Aragão, A. Espinosa, Maria da Piedade Pacheco Teles, Aurelia de Pacheco Teles, Maria Luisa Paes Mendes (15\$00), Alice Rodrigues Leão da Silva, Carlota Augusta Dias, Francisco Paixão de Albuquerque, Americo Augusto de Lacerda, P.e Antonio d'Almeida Correia, Julia Clemente, Jacinto Pedro de Souza, Gertrudes Proença, Maria da Gloria Samora Pincho, P.e José Antunes Bazilio, Lucrecia Pelejo, Jacinto Trindade, Maria Angela da Silva, Manuel Gomes Gonçalves (15\$00), Rosária do Carmo Vaz de Carvalho (20\$00), João Maria da Cruz Ventura, Maria da Gloria Nunes d'Oliveira, P.e Henrique Fernandes da Silva, P.e Joaquim do Carmo Martins, Tertuliana de Jesus, Rita de Cassia Linhares Toledo Brun, Rosa Izabel Vasconcelos Galvão Baptista, Leopoldina Ferreira do Carmo (20\$00), Virginia d'Assunção Machado, Carolina Pereira Dias Melo e Faro, Gertrudes Oliveira Santos Pinto, Augusta Rodrigues, Rosa Simões de Souza, Alba Galvão Amorim, Maria Amelia Pupulin, Palmira Ribeiro Lopes, Augusta Santos Pinto Moreira Rangel, Joaquim da Silva Gaspar, Ermelinda Coelho da Rocha, Eufemia de Souza Soares, Luiz Correia Vasconcelos, Maria Adelaide de Gouveia Pinto Rezende, Margarida Maria Soares Barbosa, P.e José Simeão d'Oliveira Gomes (15\$00), Alvaro Luiz de Souza, Dr. Francisco Rodrigues da Cruz, Viscondessa de Baçar (100\$00), Maria Eugénia Biscaia Relvas (30\$00), Adelina Queiroz Caldeira Barahona (20\$00), Ermelinda Carneiro Leão, Joaquina Antunes Guerra, Antonia Estefania Guerra, Maria da Conceição Fragateiro (13\$00), P.e Antonio Maria dos Santos Campos,

José Joaquim de Mendonça, Candida Clementina de Sá (20\$00), Beatriz Fernandes Gato, Josefina Paiva Nazareth, Adelaide Paiva, Beatriz Carvalho Alves da Cruz, Maria das Neves Vareta, Teotonio (12\$00), Conceição Marques (15\$00), Eliza Amelia de Lourdes Mesquita (15\$00), Antonio Vieira d'Aguiar, Domingos Pulido Garcia, seminaristas de Serpa (12\$00), Silverio da Conceição Neves, Maria de Jesus Silva, Rosa de Jesus Silva, Caçilda Cabrita Franco, Sofia Aurora Pinheiro (20\$00), Adriana Flores Rascão, Maria Beatriz Cabral, Dr. Guilherme Machado Braga (20\$00), Eugenio de Moura Pinheiro, P.e José Gonçalves da Costa (20\$00), Candida Ferreira, Maria d'Assunção Silva (20\$00), P.e Carlos Augusto da Silva, Maria José Gomes Martins Correia da Silva (20\$00), Leonor Vieira, Beatriz M. Guimarães, Angelina de Lemos, Domingos Martins, Alice Mudat, Sara Mudat, Maria Helena Guimarães, Carminda Guerra de Andrade, Albertina d'A. Mota, Candida Rosa Martins, M. José dos Santos Moreira (20\$00), Julia da S. Neves d'Oliveira (15\$00), Ismalia Bastos Messedet, Candida Alves, Emilia de Lemos Ferreira.

Na distribuição de jornais e varios donativos: Igreja de S. Francisco Xavier, de Providence (America do Norte), 1 dolar; Maria das Dóres Tavares de Souza, 65\$00; Julio Dias Feno Coimbra, 15\$00; Maria da Encarnação Baroa, 25\$00; P.e Aurelio de Faria, 80\$00; António Martins dos Santos, 26\$50; Doentes do Sanatório Rodrigues Semide, 52\$50; P.e Carlos d'Assunção Dantas, 30\$00; P.e Francisco Lucas Pacheco, 25\$00; D. Maria do Rosário Dias, 50\$00; Ana Antunes, 50\$00; Hotel de Nossa Senhora de Fátima, 100\$00; Dr. José Luiz Mendes Pinheiro, 100\$00; Emilia Nunes da Rocha, 30\$00; Luciano de Almeida Monteiro, 328\$00; Josefa de Jesus 16\$50; António Bernardo Tavares, 20\$00; Elvira de Carvalho, 50\$00; Joana Serena, de Ilhavo, 75\$00; diverso de Ilhavo, 15\$50, Mons. Manuel Marinho, 30\$00; José Morais Jordão, do Paião, 100\$00.

... NO INFERNO

Uma das grandes manias e erros destes tempos é o espiritismo e convem que os católicos estejam precavidos contra esta peste, condenada pela Igreja e que muitas vezes leva á loucura os desgraçados que se lhe entregam. Pretendendo estabelecer relações entre os vivos e os mortos, faz mal aos vivos e não dá proveito aos mortos.

Quando se não trata de pura mistificação, pensam estar em relação com os mortos ou algum espirito bom e estão a ser o ludibrio do demonio, que procura assim enganar-lhes a fome de sobrenatural que há em todas as almas, mas baralhando, mentindo, de forma que os seus adeptos possam continuar nos seus pecados, sem temor de uma sanção de valor depois da morte.

O dogma da Comunicação dos Santos ensina-nos que na Igreja de Deus ha Santos e Justos, de cujas boas obras participam os que estão em graça com Deus. Podemos, pois, oferecer Missas, orações e outros sufrágios pelos nossos queridos defuntos. Isso basta para nossa consolação e alívio deles.

Ninguém pode, sem pecar, recorrer a praticas proibidas pela Igreja na estulta e enganadora esperança de conviverem com os mortos.

Do que valem estas praticas é exemplo o seguinte caso verídico comunicado a uma conceituada revista americana por um dos seus leitores, católico respeitabilissimo:

«Uma senhora das nossas relações (fala o correspondente do periódico norte-americano) foi convidada a passar o verão em casa de uma familia não católica.

Como passatempo, organizaram-se diversos jogos divertidos e, para variar, um rapaz apresentou uma prancheta e um lápis, explicando aos assistentes, que qualquer pergunta por elles feita obteria automaticamente resposta exacta, que o lápis traçaria na prancheta.

A senhora nossa conhecida (continua o correspondente) achou aquilo muito interessante e resolveu dirigir algumas perguntas ao aparelho que lhe pareceu brinquito apenas.

As perguntas, posto que difíceis, alcançaram com efeito respostas prontas e certas. A boa senhora, começando a suspeitar

que andasse por ali qualquer influência sobrenatural a exercer-se, meteu a mão no bolso e, pegando numa pequena cruz que se soltara do seu terço, escondeu-a na palma da mão que pôs fechada em cima da prancheta e perguntou:

— «Quem és?»

Depois de longa pausa, veio a resposta:

— «Bem sabeis quem sou».

Não se deu por satisfeita a senhora que insistiu:

— «Ordeno-te, em nome do que tenho na mão, que me digas onde estás».

Deu-se nova pausa consideravel e, por fim, surgiu a resposta escrita em grandes letras bem visiveis:

— «No inferno».

Todos quizeram saber o que a senhora tinha na mão, e ela mostrou o crucifixo. A surpresa foi geral e o dono da prancheta partiu-a, declarando que nunca mais se serviria de tão desastrado instrumento.

O correspondente acrescenta que lhe consta ter-se casado esse rapaz daí a algum tempo numa igreja católica, depois de convertido à nossa Fé.»

Esmoles obtidas em várias Igrejas quando da distribuição da «VOZ DA FATIMA»

Na igreja de S. Tiago de Coimbra, pela Ex.ma Sr.ª D. Gertrudes do Carmo Pinto, nos meses de Janeiro e Fevereiro de 1929	60\$00
Na Igreja do S.S. Coração de Jesus, em Lisboa, pela Ex.ma Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, no mês de Fevereiro de 1929	39\$15
Idem, idem no mês de Março de 1929	32\$45

LEITURAS

— Que te pareceu a Augusta?

— Uma rapariga bastante inteligente e muito culta. Deve ter gasto uma boa soma de dinheiro em livros; tem grande variedade de romances, de histórias, de poesias, e até lá tem um livro de filosofia; revistas... é uma infinidade. Não sei como ela tem vagar para ler tanta coisa. Também, pelo que me disse, passa os dias a ler. Ser instruída é a sua grande ambição.

— Perguntaste-lhe se tanta leitura a fazia feliz?

— Conversámos nesse sentido. Teve comigo um desabafo íntimo que eu não posso repetir. Mas julgo que não serei indiscreta dizendo-te que a Augusta está convencida de que as leituras, a que se tem entregado desde há anos, são a causa das muitas lágrimas que chora, ás escondidas. Parece feliz, mas não é, e á leitura dos romances, dos versos, etc., deve todos os defeitos que a tornam infeliz.

Mas não tem forças para mudar de rumo: já não pode vencer a paixão da leitura, nem a vaidade que lhe excitam as pessoas que a lisongeiavam.

«Que inveja eu tenho, disse-me ela, que inveja eu tenho da minha irmã, que com o seu livro de orações e dedicada ao trabalho manual, é boa e sente-se feliz; enquanto que eu, com tanta leitura e tão lisongeadas, sinto que sou infeliz».

Sou uma inútil

Fez-me pena esta tua frase, querida Teresinha: — «Sou uma inútil!» E disseste-a com tanto amargor!... Bem se vê que tens um coração ansioso por dedicar-se. Imaginas que só é util, que só se dedica quem passa os dias fóra da sua casa a visitar os pobres sem pão, a cuidar das crianças sem lar, a promover festas de caridade, sem espirito cristão?

E tão fácil uma menina dedicar-se e ser util... Não sabes como?

Sempre que teu pai entrar em casa dedica-lhe um sorriso, uma palavra afectuosa. Dedicar qualquer pequeno serviço a tua mãe, e podes fazê-lo tantas vezes no dia...

Aos teus irmãos não podes dedicar uma boa palavra, um bom conselho?

Mas queres dedicar-te também aos estranhos? Dedicar-lhe as tuas orações, que lhes podem ser mais uteis que muitas obras de zelo. Dedicar a Deus as contrariedades que soffres, uns pequenos sacri-

fficios, tais como o da curiosidade, o da língua, o da vaidade...

Vês como podes ser util, como podes dedicar-te?

Água de Fátima

Torna-se difficil ou quasi impossível responder a todas as pessoas que se nos dirigem a pedi-la.

Lembramos também que Leiria fica a 25 quilometros de Fátima e nem teriamos tempo de atender cada pedido. E' necessário também notar que apesar de a água ser gratuita é necessário contar com a lata ou outro recipiente e com o porte do correio, o que é relativamente caro.

Quem pretender obter a água pode dirigir-se a José de Almeida Lopes — Fátima. (Vila Nova de Ourém), que se presta a manda-la e é pessoa da nossa confiança.

Modos de vêr

Um cão, um indiferente ou sem religião e um católico apreciando uma côdea de pão e uma ceara de trigo.

O cão, ao ver a côdea de pão mexe a cauda de contente mas não faz nenhum caso da ceara de trigo.

O indiferente, por muito tólo que seja, estima um pedaço de pão mas muito mais estimaria a ceara de trigo que produz o pão.

O católico gosta do pão, cultiva as cearas mas quando pensa em Deus que as creou, cai de joelhos.

Portanto, o cão não passa da côdea, o indiferente não passa da terra e o bom católico chega até Aquele de quem procede todo o bem.

E... não é preciso pôr mais na carta (como se costuma dizer).

A primeira vitória

E' um jovem que fala:

Costumava eu todos os dias pela manhã ir fazer uma visita ao Santíssimo na Igreja de S. Barnabé. Matriculei-me no liceu e para lá me dirigia com um grupo de condiscipulos, quando calhou passar por deante da igreja. Desta vez veio-me á ideia de passar adiante, sem entrar, para não ser criticado pelos meus companheiros, cujas ideias ainda não conhecia: Mas venci-me e disse-lhes simplesmente:

— «Continuem, que eu já os apanho». Entrei na igreja, fiz a minha visitinha e, ao sair, achei-os todos á minha espera.

No dia seguinte também eles entraram, entre os quais o filho de um advogado socialista.

Acto de contrição ... à moda

Senhor meu Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, por serdes Vós quem sois e porque Vos amo sobre todas as coisas, *menos sobre as modas*, peza-me de todo o coração de Vos ter ofendido, proponho firmemente a emenda de todos os meus pecados, *menos dos de escandalo que manda cometer a moda*, e de me não afastar das ocasiões de Vos ofender, eu e os que me veem nua.

— Mas... este acto de contrição não serve para a confissão!

— Não serve, com certeza (diz o Snr. Bispo de Malaga), mas no dia de juizo veremos o que valem as confissões e comunhões das penitentes e das que se aproximam da mesa eucaristica com a sua elegante desnudez.

Uma reflexão salutar

Que idade tens? Dezenove anos, talvez.

Já contaste o numero de minutos decorridos desde o teu nascimento?

Esse numero é espantoso: *nove milhões trezentos e trinta e trez mil e duzentos!*... e cada um desses minutos foi parar a Deus, e Deus os examinou um por um, pesou-os, e elles devem servir para pagar a eternidade.

Cada um deles leva um sêlo — o da intenção que tiveste ao empregá-lo. Assim como cada moeda tem a efigie do príncipe, só tem curso na eternidade os que estão marcados com a imagem de Deus.